

Do Amor de Tonho e Doralice

La muito bem o amor de Tonho e Doralice, ele cada dia mais animado, comprando aos poucos os utensílios indispensáveis, pagando a prestação da cama e do guarda-roupa, procurando casa para alugar — uma que fosse perto da repartição, que não o obrigasse a sair cedo demais, a sofrer espera de ônibus, nem onerar o orçamento com as passagens, arriscando-se ainda a chegar atrasado ao trabalho e a suportar as broncas odiosas do chefe. Tinha uma casinha prometida, mas a inquilina só sairia quando fosse despejada, estava disposta a esperar até o despacho final do juiz.

E Doralice se preparando, cuidando da roupa, pouca coisa, é certo, mas com paciência, com boa vontade, com os dinheiros pequenos, as economias, os presentes, havia de ter um enxoval. Tanta sorte, que uma filha da patroa estava noiva também: e o que não servia, o que não lhe agradava, ia transferindo para Doralice, naquela amável solidariedade das noivas.

Sim, teve o peditório, que na ausência dos pais da moça, morando lá no Quixadá, foi feito mesmo aos patrões, aliás, à patroa, Dona Glória, que era com quem se entendia mais facilmente. O patrão era dado ao jogo, homem de pouca cordialidade em casa, mantinha a família num padrão alto, mas já instalara a filial, dormia e comia na matriz apenas para salvar as aparências —

chegava a fazer longas ausências, vez por outra, a título de viagem, sem sair da cidade.

Dona Glória recebeu o peditório com toda solenidade, gorda, roliça, com a agradável despreocupação da mulher que transferiu as alegrias da cama para os prazeres da mesa: já aceitara, pacificamente, o contrabando do marido — resolvera fingir ignorar e tirar partido da situação. No princípio do matrimônio gastara, inutilmente, a sua cota de ciúme — agora servia-se do caso, arrancava dinheiro do velho e desmanchava em presentes com os filhos, as noras, os netos.

Pois Dona Glória disse que fazia gosto, que Doralice era como filha, fazia mais de dez anos que estava ali com eles, nunca tinha dado o menor desgosto. E no embalo destas palavras animadoras, com as promessas de ajuda, com a conversinha amorenta cada noite, no banco da praça, com a palestra de Doralice, que era de muita ciência em matéria de modas e de cozinha, ia tudo segundo o figurino do noivado da gente bem. Doralice captava e empregava com surpreendente astúcia o vocabulário erudito que passava ao seu alcance. Uma noite falou ao Tonho que Doutor Marcos, o noivo da moça da casa, tinha ido passar uns dias fora, estava com o mal de *stress*. Tonho pediu explicação para a palavra nova, Doralice se botou de surpresa e, desapontada com a ignorância do noivo, esclareceu muito pernóstica:

— Então tu não sabe, homem de Deus? É doença dos rins! O homem sofre dos rins.

Pela festa de São Francisco, no mês de outubro, Tonho quis levar Doralice a conhecer sua família, em Massapê. A patroa aquiesceu e Tonho conseguiu na repartição uma licença generosa, acertou com os colegas que o substituíram na ausência — ele pagaria em serviço, na volta.

Lá se foram os dois, com a boa vontade geral, com a curiosa expectativa de todos os que acompanhavam aquele amor. Não vê que Tonho também era de muito

falar, ia contando tudo, desde o momento em que conhecera a bem-amada, uma noite, nas quermesses, na igreja de Nossa Senhora das Dores, ali em São Gerardo.

Quando voltou do sertão, teve de ouvir muitas vezes a mesma pergunta sobre a impressão que Doralice causara — e não cansou de dar a todos a mesma resposta, informando simplesmente que tinha acabado o noivado. Diante da surpresa de cada um, ia explicando:

— Pois eu tava lá no Massapê, na casa da minha mãe, mais ela, quando foi de noite, logo na primeira noite, Doralice saiu do quarto, veio pra minha rede, dizendo que tava com medo de rato.

E conclusivo e irônico:

— E eu tou acordado pra medo de rato.

Depois dava conta da sua vingança pessoal, que era uma forma de lavar a honra enxovalhada:

— Mas também eu estraçalhei ela pelas três irradiadoras — Pirambu, Jacarecanga e Mucuripe.

Bem se vê que foi pior do que anunciar na televisão e no jornal — cobriu toda a área de interesse da infeliz.

Passado algum tempo, Tonho chegou informando que tinha finalmente visto Doralice, pela primeira vez, depois que acabara o noivado. Que ela estava de novo nas quermesses. E completou, espontaneamente:

— Doralice passou todo tempo chateando d'eu, oferecendo mensagem na irradiadora.

— Ora, Tonho, esclareceram, isto é homenagem.

— Homenagem? O disco era "urubu malandro"!

— Por que você não pagou na mesma moeda?

E Tonho, entre melancólico e desesperado:

— Cadê que tinha um disco chamando ela de galinha?

Assim ficou definitivamente encerrado o capítulo do amor de Tonho e Doralice, iniciado sob tão bons auspícios.

Tudo por culpa do demônio daquele rato.